

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: olhares sobre o tempo

Irene C. Rangel-Betti¹

RESUMO

Se considerarmos que a Educação Física brasileira tem passado, no início dos anos 80, por uma fase de despertar para novas concepções e entendimentos, podemos considerar, também, que a década de 90 tenha se caracterizado pela consolidação ou de implementação de muitas propostas e projetos de diferentes concepções pedagógicas no cenário nacional.

A primeira dificuldade que encontrei ao iniciar minhas reflexões sobre o tema desta mesa foi pensar que ainda não possuo meio século de vida para analisar um século inteiro e, portanto, teria que recorrer a fatos históricos por mim não vividos, o que me deixou em uma situação desvantajosa, tendo em vista que não sou historiadora (embora tenha transitado pela área em RANGEL BETTI, MIZUKAMI, 1997) e que prefiro, e costumo, falar sobre experiências concretas. Também, segundo Adam SCHAFF (1991), levantar tais fatos significa interpretá-los de acordo com meus princípios e valores, ou melhor, com meu olhar, com todos os vieses que isto possa acarretar, mas este é um risco que terei de correr.

Como o tema pode suscitar várias interpretações, optei por vê-lo sob o prisma do ensino, na ótica do conteúdo, bem como as formas de ministrá-lo. Tratarei também da questão da desvalorização profissional do professor que, parece-me, direta ou indiretamente, influencia o ensino.

Historicamente é difícil encontrarmos na literatura educacional referências precisas sobre como o professor ensinava no início do século CUBAN (1992). No ensino da Educação Física isto não é diferente, embora tenhamos referências sobre as disposições das turmas, a severidade dos professores e sua forma rígida de dirigir-se ao aluno, a obrigatoriedade do uso de uniformes etc. (FARIA Jr, CORREA, BRESSANE, 1982).

Reportando-me às minhas próprias lembranças de estudante, recordo-me do tempo em que o esporte foi introduzido na escola. As aulas de ginástica diminuíram sensivelmente e, em seu lugar, passamos a aprender noções dos fundamentos esportivos, mas ainda havia a preocupação de que todos os alunos aprendessem, ou pelo menos participassem ativamente das aulas. Aos poucos esta preocupação foi desaparecendo e, em seu lugar, os melhores iam sendo contemplados, ganhando horários especiais para “treinar” – as chamadas ‘turmas de treinamento’. Enquanto alunos dessas turmas não percebíamos o que acontecia.

Agora, com outro olhar, um olhar mais crítico, é possível visualizar o que aconteceu.²

De lá para cá o ensino da Educação Física passou a privilegiar o “aluno-atleta” e o professor passou a atuar como “professor-técnico”, como já alertaram diversos autores, entre eles BRACHT (1986). O ensino do esporte na escola impera até nossos dias, uma realidade difícil de se contestar. Em relação à forma de atuação do professor pode-se dizer que se alterou na medida em que o próprio ensino do esporte contém elementos lúdicos, favorecendo uma melhor relação professor-aluno mas, mesmo assim, ainda encontramos professores que ensinam o esporte de uma forma muito tradicional, com os alunos enfileirados desde o início da aula etc.

Com o ingresso do esporte no âmbito escolar suas características também foram copiadas, tais como a recompensa extrínseca através de medalhas, troféus e seleção dos melhores alunos, entre outros (BETTI, 1991). As escolas, por exemplo as de São Paulo, principalmente as públicas, passaram então a receber outros tipos de recompensas, como materiais para as aulas, na medida em que figurassem entre as primeiras nos campeonatos que eram então promovidos por algumas secretarias estaduais.

Atualmente, este quadro está mudado, os campeonatos escolares acabaram-se e, com eles as recompensas para as escolas. Os professores deixaram, então, de possuir um objetivo palpável, tendo em vista que investiram durante anos nesses campeonatos. Como não foram incentivados a visualizar o ensino da Educação Física de outra forma, a não ser praticamente a esportiva, continuaram a ministrar o esporte na escola mas, agora, sem grandes perspectivas. Anteriormente eram os organizadores das festas cívicas, das marchas e desfiles, depois passaram a técnicos-esportivos-escolares e agora, o que lhes resta?

As afirmações anteriores não refletem apenas o que se encontra na literatura da área, mas exatamente o que tenho conversado com professores de cursos que ministrei nos últimos anos ou com professores com os quais mantenho contato em diversas cidades do interior de São Paulo, bem como de outros Estados (por exemplo: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Minas Gerais, Santa Catarina, Pará, Rondônia, entre outros).

Entretanto, muita coisa mudou nestes últimos anos, o que reforçaria a hipótese de que o ensino nas escolas também pudesse ser alterado. Por exemplo, diversas

¹ Profa. do Depto. Educação Física da UNESP – Campus de Rio Claro.

² O mesmo percebeu o professor participante de minha tese de doutorado intitulada “Educação Física e o ensino médio: analisando um processo de aprendizagem profissional. São Carlos: UFSCar, 1998.

metodologias ou propostas surgiram como tentativas de auxiliar o professor no processo de ensinar, que lhe desse mais clareza quanto aos objetivos da Educação Física na escola, mas esse conhecimento pouco ultrapassou o muro das universidades. Sendo mais otimista, os alunos formados recentemente têm tentado implementar os conceitos inovadores, mas mesmo nas escolas formadoras - faculdades –predominam os currículos tipo tradicional-esportivo.

Voltando ao professor de escola verificamos que outras e fortes influências contribuíram para uma certa acomodação e desmotivação, tais como os baixos salários, desvalorização da profissão de professor e, atualmente, a ausência da palavra “obrigatória” na redação da nova LDB Lei 9394/96, no tocante à disciplina Educação Física. Esse conjunto nada animador parece fazer com que a desmotivação seja cada vez maior. Até agora eu ainda acreditava que isto ocorresse apenas para a maioria dos professores de escolas públicas, com brilhantes exceções, é claro. No entanto, este quadro também tem atingido os professores de escolas particulares, uma vez que os mesmos são remunerados pela quantidade de turmas que possuem. Como pela nova LDB basta oferecer uma aula em cada série e se está cumprindo a lei, os proprietários de escola têm reduzido drasticamente o número de aulas.

Soluções mágicas parecem impensáveis para resolver tal quadro. Como me propus a pensá-lo, vou tentar fazer algumas colocações que, certamente e assim o espero, serão alvo de discussões após o encerramento da mesa. É possível melhorar a qualidade do ensino e torná-lo necessário e acessível para o maior número possível de alunos? Como as escolas formadoras de novos profissionais poderiam auxiliar na reconstrução desse ensino?

Em primeiro lugar, é necessário que cada vez mais o conhecimento gerado dentro da universidade se aproxime da prática do professor, fornecendo alternativas aos problemas da prática mas, ao mesmo tempo alimentando-se de um conhecimento que não é possível de ser gerado em laboratório. A quadra, o campo o pátio, o gramado, seriam esse laboratórios (RANGEL-BETTI, 1996).

A apropriação do conhecimento do professor forneceria bases para novas pesquisas ligadas à educação e, ao mesmo tempo, poderia elevar a moral dos professores. Afinal, qual professor consegue controlar um contexto tão diversificado quanto o contexto educacional do professor de Educação Física? Ele controla, ao mesmo tempo, aproximadamente 40 alunos, o tempo, o conteúdo, as estratégias, outros alunos que chegam para a próxima aula, as condições atmosféricas, o material (ou a falta dele), pessoas que passam pelo local, que muitas vezes é aberto, concilia seu próprio interesse (o objetivo) com o interesse dos alunos, a relação professor-aluno; enfim, é quase um herói, mas poucas vezes é valorizado por isto ou, o que é pior, pouco se valoriza.

As universidades poderiam abraçar a idéia da educação continuada, favorecendo um intercâmbio escola-

universidade. Os professores precisam, sentem necessidade de falar, de expor suas idéias, de trocar informações. Muitas vezes sentem-se sozinhos. A educação continuada talvez seja o começo de um aprendizado para esta troca.

O conteúdo da Educação Física não muda, está inserido no jogo, esporte, ginástica, dança e lutas, o que se pode chamar de Cultura Corporal de Movimento, ou simplesmente Cultura Corporal. O que muda são as formas de concebê-lo e ensiná-lo; estas sim, quase não são conhecidas dos professores. O esporte, por exemplo, dificilmente deixará de ser o conteúdo hegemônico da Educação Física. Encontrar formas de ministrá-lo favorecendo o aprendizado e o crescimento do aluno é o grande desafio (KUNZ, 1994, RANGEL-BETTI, 1997).

Novas maneiras de se ver o ensino da Educação Física, seus objetivos, fundamentos e alterações carecem de chegar aos professores, os verdadeiros atores do ensino (SOARES, 1988, BETTI, 1992, KUNZ, 1991,).

Algumas investidas têm sido divulgadas em livros, artigos científicos, simpósios, congressos e similares nos últimos anos, nas quais se vislumbram perspectivas inovadoras de profissionais preocupados e interessados na busca de propostas de qualidade para alguns dos principais problemas no ensino da Educação Física, tais como: o planejamento participativo, o ensino de esportes não convencionais e outros conteúdos como o futebol feminino, o judô, a expressão corporal, a dança de salão, a capoeira (ÁVILA, 1995, VOLP, 1994).

A co-educação, dificuldade enfrentada por quem sempre ministrou aulas separadas, a preocupação com a inclusão de todos os alunos, a autonomia sobre a prática, o prazer nas aulas, a melhoria da relação professor-aluno são algumas das modificações encontradas por DARIDO (1997) em aulas ministradas por professores formados dentro de um currículo com concepção técnico-científica que poderiam talvez ser estendidas a professores atuantes na mediante programas de Educação Física continuada.

Não tenho respostas para a modificação do quadro atual da Educação Física escolar; entendo, no entanto, que sua legitimação não pode estar realmente apenas nas mãos dos legisladores mas pode, e deve, ser legitimada pelos que nela militam, tanto os professores universitários quanto, e principalmente, os professores das redes de ensino básico no país. Enxergar a Educação Física como legítima e necessária pode, talvez, mudar o rumo da Educação Física na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, A.C.V. **Para além do esporte: a expressão corporal nas aulas de educação Física do segundo grau.** (monografia de graduação). Rio Claro -IB-DEF, 1995.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

-----Ensino de 1º e 2º graus: Educação Física para quê? **Rev. Bras. de Ciências do Esporte**. v. 13, n.2, p. 282-287, 1992.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. **Rev. Bras. de Ciências do Esporte**. v.7, n.2, p.62-68, 1986.

CUBAN, L. Como os professores ensinavam: 1890-1980. **Teoria e educação**, v.6, p.115-127, 1992.

DARIDO, S. C. **Ação pedagógica do professor de Educação Física: estudo de um tipo de formação científica**. (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, Instituto de Psicologia, 1997.

FARIA JÚNIOR, A.G.; CORREA, E.; BRESSANE, R. S. **Prática de ensino em Educação Física: estágio supervisionado**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1982.

KUNZ, E. **Educação Física e mudanças**. Ijuí:UNIJUÍ, 1991.

_____ **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí:UNIJUÍ, 1994.

RANGEL-BETTI, I.C. Pesquisa baseada na ação profissional em ensino de Educação Física na escola. In: NARDI, R. (org.) Pesquisa em ensino de Ciências e matemática. Série: **Ciência & Educação**.

_____ Reflexões a respeito do esporte como meio educativo em aulas de Educação Física escolar. **Kinesis**, n.15, p.37-43, 1997.

RANGEL-BETTI, I.C.; MIZUKAMI, M.G.N. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz**, v.3, n.2, p. 108-115, 1997.

SOARES, C. L. Fundamentos da Educação Física escolar: **Rev. Bras. Ciências do Esporte**, v.10, n. 1, p. 19-27, 1988.

Endereço para contato:

Departamento de Educação Física - UNESP
Av. 24 A, 1515 Bela Vista - Rio Claro SP
CEP 13506-900
E-mail: tatiрене@life.ibrc.unesp.br